



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

LUCIANA COSTA DA SILVA

**O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS POR MEIO DOS GÊNEROS
TEXTUAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

GOIÂNIA

2023/2

LUCIANA COSTA DA SILVA

**O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS POR MEIO DOS GÊNEROS
TEXTUAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador(a): Prof^a. M^a. Helen Suely Silva Amorim

GOIÂNIA

2023/2

LUCIANA COSTA DA SILVA

**O ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS POR MEIO DOS GÊNEROS
TEXTUAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador/a: Profª Mª Helen Suely Silva Amorim

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Profª Mª Helen Suely Silva Amorim – PUC Goiás

Orientadora

Profª Mª Eliane Rezende de Arino – PUC Goiás

Leitora

A meus pais, a minha irmã, a meu noivo e a meus professores.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, eu gostaria de agradecer primeiramente a Deus por me dar sabedoria e por me guiar na direção certa mesmo quando eu achei que a licenciatura não me pertencia, por achar que ela era apenas para aqueles que possuíam o “dom” de ensinar. Mas ao trilhar essa caminhada percebi que o tal “dom” não é bem um “dom” e sim uma junção de força e determinação por persistir naquilo que realmente vale a pena, que se resume em ensinar e lutar por uma educação igualitária e justa para todos.

Agradeço também ao atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva por criar o Programa Universidade para Todos (ProUni), em 2004, pela lei nº 11.096/2005, durante o seu primeiro mandato. Graças a isso, eu pude ingressar em uma das mais renomadas Universidades do Brasil de forma 100% gratuita. Não há palavras para expressar tamanha satisfação.

Estendo meus agradecimentos também aos meus futuros alunos e, também, àqueles que já foram meus alunos. Vocês são e sempre serão a principal razão para eu amar a docência. Além disso, agradeço aos meus professores do curso de Letras, que me ensinaram tanto sobre a vida na licenciatura. Agradeço, de forma especial, à minha orientadora e professora Me. Helen Suely Silva Amorim, que me acolheu e aceitou o desafio de me orientar e ensinar que a relação professor-aluno é construída a base de carinho, confiança e compreensão.

Agradeço aos meus familiares, em especial a meus pais, Sônia Maria da Silva e Daniel Costa da Silva. Obrigada por se esforçarem tanto para proporem um ensino de qualidade para suas filhas. Mãe, sou grata também pelas suas orações nas madrugadas, campanhas e jejuns em prol da minha carreira. Grata também a minha irmã e inspiração, Daianny Costa da Silva. Irmã, obrigada por me incentivar na minha carreira e servir de inspiração. Você é um exemplo de profissional a ser seguido.

Agradeço ao meu noivo, Pedro Henrique Borba Silva, que tanto me apoiou, me acolheu e que juntou todas as forças para continuar me incentivando e me enaltecendo.

Meu amor, sem você eu não teria conseguido continuar. Obrigada por cuidar de mim e não me deixar desistir daquilo que eu tanto amo, que é ensinar.

Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas.

Marcos Bagno

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como as variantes linguísticas têm sido apresentadas no contexto escolar do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com base em dois documentos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), analisando qual a evolução de um documento para o outro na abordagem do tema. Além disso, este trabalho foi realizado a partir de pesquisas de caráter bibliográfico, que consistem em afirmar o que foi apresentado sobre os conceitos de língua, gêneros textuais e variação linguística, fundamentando teoricamente com os autores Luiz Antônio Marcuschi (2008), Luiz Carlos Travaglia (2006), Roberto Gomes Camacho (2011), Maria da Graça Costa Val (2006), Marcos Bagno (2015), dentre outros. Sendo assim, no corpo do trabalho, será apresentado, com frequência, a necessidade de se ensinar sobre as variantes, juntamente com os gêneros textuais, de maneira abrangente a fim de que os alunos consigam ampliar as competências linguísticas de acordo com o ambiente no qual eles estão inseridos.

Palavras-chave: Variações Linguísticas. Gêneros Textuais. Preconceito Linguístico. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The present work sought to understand how linguistic variants have been presented in the school context of Elementary School II and High School, based on two documents, the National Curricular Parameters (PCNs) and the National Common Curricular Base (BNCC), analyzing the evolution of one document to another in approaching the topic. Furthermore, this work was carried out based on bibliographical research, which consists of stating what was presented about the concepts of language, textual genres and linguistic variation, theoretically based on the authors Luiz Antônio Marcuschi (2008), Luiz Carlos Travaglia (2006), Roberto Gomes Camacho (2011), Maria da Graça Costa Val (2006), Marcos Bagno (2015), among others. Therefore, in the body of the work, the need to teach about variants, together with textual genres, in a comprehensive way will be frequently presented so that students can expand their linguistic skills according to the environment in which they live. they are inserted.

Keywords: Linguistic Variations. Textual genres. Linguistic Prejudice. Portuguese language.

SIGLAS PRESENTES NO TRABALHO

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. GÊNEROS TEXTUAIS, LÍNGUA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS:	
CONCEITUAÇÕES	14
1.1 Variação Regional	17
1.2 Variação Social	19
1.3 Variação Estilística	21
2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	23
2.1 Variação Linguística e os Parâmetros Currículos Nacionais (PCNs)	26
2.2 Variação Linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	30
3. O ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E SEU FUNCIONAMENTO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO	37
3.1 O Desenvolvimento Cognitivo dos Alunos Referente às Variações Linguísticas	41
3.1.1 A Utilização dos Gêneros Textuais para Ensinar as Variantes Linguísticas	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O atual trabalho, cujo tema é *O Ensino das Variações Linguísticas por Meio dos Gêneros Textuais no Contexto Escolar* justifica-se por meio de estudos e pesquisas referentes às variações linguísticas, aos gêneros textuais, ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio, à sociolinguística e à língua. Para haver uma clareza melhor do que está sendo dito, tem-se a necessidade de explicarmos de forma coesa e objetiva o surgimento das variações linguísticas como forma introdutória. A sociolinguística é uma parte da Linguística que tem como tarefa revelar, na medida do possível, a covariação entre os fenômenos linguísticos e eventualmente estabelecer uma relação de causa e efeito. Essa linha da Linguística foi instituída em 1964, por meio de um congresso, na University of California, Los Angeles (UCLA), organizado pelo renomado linguista William Bright, que teve, como intencionalidade, definir a diversidade linguística como objeto de estudo da sociolinguística, relacionando as variações linguísticas em uma comunidade com as diferenças estruturais e sociais dentro dessa mesma comunidade.

Sendo assim, o ensino de Língua Portuguesa está relacionado diretamente à sociolinguística, especificamente à variação linguística, de maneira que amplia o domínio ativo dos discursos nas diversas situações sociais por meio de atividades que envolvem gêneros, léxico, juízos de valores (socioideológicos), monitoração e contexto de produção. Destaca-se também que, para cumprir a função de ensinar sobre as variantes, o âmbito escolar precisa livrar-se de alguns mitos, por exemplo, “existe apenas uma forma correta de falar”, “a fala de uma região é melhor que a de outra”, “a fala correta é a que se aproxima da escrita”, “brasileiro fala mal o português”, “português é difícil” e “precisamos consertar a fala do aluno”.

Além disso, neste trabalho, também será abordada a importância de trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula, no intuito de ampliar a compreensão dos alunos de que a língua é mutável e que o uso dela varia sempre que necessário, atentando-se à necessidade de cada indivíduo. A partir disso, o aluno irá perceber que estudar os diferentes gêneros textuais permitirá que ele consiga ter um olhar amplo sobre como conseguir se comunicar em diversas situações.

Ademais, foram analisados dois importantes documentos do meio educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que visavam/visam a incluir a sociolinguística nas aulas de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio por meio de habilidades de leitura, produção textual, análise linguísticas e estudo dos gêneros textuais.

Em síntese, o presente trabalho está constituído por três capítulos com tópicos, cujos títulos assim se apresentam: 1. Gêneros Textuais, Língua, Variações linguísticas: conceituações; 2. Variação Linguística e o Ensino de Língua Portuguesa; 3. O Estudo das Variações Linguísticas e seu Funcionamento nos Livros Didáticos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. GÊNEROS TEXTUAIS, LÍNGUA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: CONCEITUAÇÕES

Sabe-se que a expressão gênero vem sendo atualmente usada com muita frequência por pesquisadores que possuem interesses por eles, portanto, não se pode negar que há uma vasta abundância e diversidade de fontes que abordam sobre os gêneros e suas implicações. Sendo assim, como afirma Marcuschi (2008, p. 147), “seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros.” A expressão gênero esteve presente, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários.

Atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990: 33), ao dizer que “hoje, gênero é facilmente para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.” (MARCUSCHI, 2008, p. 147)

Ao estudar sobre os gêneros, precisa-se entender que, fazendo uma análise destes, também se deve analisar o texto e o discurso, pois pode-se afirmar que o trato dos gêneros também está associado ao trato da língua em suas mais diversas formas. “Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais”. (MARCUSCHI, 2008, p. 151).

Diante desse interesse, os gêneros textuais são textos materializados em situações comunicativas recorrentes, isto quer dizer que eles são textos que encontramos em nossa rotina diária. Seguem alguns exemplos de gêneros textuais utilizados com uma certa frequência: *carta pessoal, carta argumentativa, receita culinária, piada, sermão, lista de compras, cardápio de restaurante, romance, crônica, novela, bilhete, diário, blog, resenha, piada, horóscopo, notícia, bula de remédio, conto, artigo de opinião, biografia*, entre outros. Como percebemos nos exemplos, os gêneros textuais são formas textuais escritas ou orais que têm como objetivo caracterizar os textos por suas funções sociocomunicativas. Logo, é possível considerar que “os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua

classificação”. (MARCUSCHI, 2008, p. 158). Hoje, aquilo que se tornou aceitável é apontar e explicar como determinado gênero se constitui e circula socialmente.

Para se discutir gêneros textuais e variações linguísticas, é de suma relevância apontarmos sobre a língua e a forma que ela é estruturada e ensinada, pois ela pode ser vista de vários ângulos teóricos. Afinal,

“As línguas vivem e evoluem, se modificam e se transformam com o tempo. Elas não se degeneram. Apenas mudam, de modo gradual e coerente, adquirindo novos valores sociolinguísticos, isto é, valores ligados às diferentes formas que assumem no uso social, por diferentes grupos de falantes”. (MARINHO e VAL, 2006, p. 13)

Mas de fato o que ocorre é que a língua está em uma constante mudança, que ocorre na pronúncia das palavras, no vocabulário, no seu significado, na estrutura. Assim, “qualquer parte da organização da língua pode mudar. Ao contrário do que afirmam alguns autores (gramáticos) tradicionais, a língua é dinâmica e evolui historicamente”. (MARINHO e VAL, 2006, p. 14). Tal ponto ocorre, pois “a língua não pode ser vista como um instrumento ou um código de comunicação pronto, fixo e inalterável, que vai ser ensinado pelo professor e apreendido pelos alunos”. (MARINHO e VAL, 2006, p. 13).

A língua é um ótimo meio de comunicação que utilizamos para nos comunicarmos uns com os outros. Logo, devemos levar em consideração cada caso isoladamente, pois ocorrem situações em sala de aula entre professor e aluno, em que o aluno fale, por exemplo, “o avião avoa”. Esse uso de sentença é considerado pela gramática prescritiva como algo inadequado, porém, cabe ao professor propor uma conversa com seus alunos, aproveitar e trabalhar as variantes e respeitar o dialeto de cada um. Afinal,

o professor não precisa e nem deve se preocupar em corrigir os alunos. Só haveria infração a alguma regra se esse diálogo ocorresse numa situação social de alto grau de formalidade, em que a expectativa geral fosse de uso da variedade padrão. (MARINHO e VAL, 2006, p. 15)

Além disso, “a língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica”. (MARCUSCHI, 2008, p. 61). Assim, pode-se afirmar que a língua é algo presente e marcante na vida de qualquer indivíduo, pois é por meio dela que conseguimos nos comunicar.

Ademais, “Os modos diferentes de falar e escrever se devem às transformações que ocorrem nas línguas ao longo do tempo e também ao comportamento linguístico dos falantes”. (MARINHO e VAL, 2006, p.7), ou seja, “a variação de uma língua é entendida como o conjunto de realizações linguísticas faladas ou escritas entre os usuários dessa mesma língua. As variações não devem ser vistas como um erro, mas sim como uma maneira diferente de usar a língua, que em determinado contexto pode ser totalmente aceitável. Assim, deve-se levar em consideração que as variações devem ser aceitas e vistas como um modo diferente e abrangente de usar a língua sem levar em consideração “erros” ou “acertos”.

No entanto, há variedades que são consideradas de maior prestígio como, por exemplo, a variante padrão (língua padrão). Assim, como em qualquer língua, não seria diferente na Língua Portuguesa, que possui as chamadas variedades padrão e não padrão. Logo,

Como, de qualquer modo, é inevitável o processo de fixação de uma variedade-padrão, ela poderia ser definida como conjunto codificado de normas linguísticas que são consideradas socialmente aceitáveis para a classe social de maior prestígio de uma comunidade (WOLFRAM; FASOLD¹, 1974, p. 18 *apud* CAMACHO, 2011, p.44-45).

Por outro lado, as variedades não padrão desviam-se dessa “regra”, pois elas se estruturam por frases mais simples e pelo vocabulário mais “comum”. Desse modo, Camacho seguirá dizendo,

Como, em geral, a variedade-padrão é imposta como referencial exclusivo para todas as circunstâncias de interação, negligenciam-se as experiências culturais vivenciadas, especialmente pelo jovem provindo de camadas marginalizadas. De um ângulo estritamente linguístico, cria-se uma espécie de conflito entre a língua de fato ensinada na escola, como referencial exclusivo, a variedade-padrão ou normativa, e o dialeto social que o aprendiz domina, de acordo com sua origem sociocultural. (CAMACHO, 2011, p. 47)

As variações linguísticas também ocorrem pelo simples fato de que a língua é usada por diferentes tipos de falantes inseridos em uma complexa sociedade, isto é, são inúmeros habitantes que possuem diferentes hábitos culturais, grau de

¹ WOLFRAM, W.; FASOLD, R.W. **The study of social dialects in American English**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall Inc., 1974.

escolaridade, faixa etária, sexo, classe social, profissão. As variações linguísticas consideradas nesta pesquisa, serão: regionais ou geográficas; sociais; estilísticas.

1.1 Variação Regional

A variação regional também conhecida como diatópica ou, ainda, geográfica expressa costumes ou tradições regionais, isto é, ela é responsável por conseguirmos identificar se determinada pessoa é mineira, gaúcha, paulistana, por meio do modo de fala. Uma variação regional não ocorre apenas entre regiões, como o próprio nome sugestivo pontua, ela pode correr entre países também, como, por exemplo, entre Brasil e Portugal, “assim, os falantes do português do Brasil apresentam modos de falar diferentes dos falantes do português europeu bem como do português falado nos países da África.” (MARINHO e VAL, 2006, p. 26).

Pessoas de diferentes regiões em que se fala a mesma língua apresentam variação no uso dessa língua. Sendo assim, essa variação pode ocorrer de diferentes maneiras, sem seguir necessariamente uma regra, por exemplo, pode ser relativa à forma de pronunciar a palavra, ao uso característico do vocabulário ou até mesmo à construção sintática.

É comum também que se analise a variação regional entre zonas rurais e urbanas. A linguagem urbana se assemelha com a linguagem comum que utilizamos no dia a dia, na escola, no trabalho, entre outros lugares. Por outro lado, a linguagem rural é alvo de preconceito linguístico por ser considerada incorreta, e é considerada por muitos autores como um *dialeto caipira*. Seguindo essa perspectiva, seguem alguns exemplos de dialetos que são considerados *caipira*: *enxovar* (enxoval), *mir* (mil), *muié* (mulher).

Ainda sobre a variação regional, Oswald de Andrade apresentou essa variante linguística, de forma bem clara, em um de seus poemas. Vejamos:

Vício na fala²

Para dizerem milho dizem mio
 Para melhor dizem mió
 Para pior pió
 Para telha dizem teia
 Para telhado dizem teiado
 E vão fazendo telhados

² ANDRADE, O. Pau-Brasil. 5. Ed. São Paulo: Globo, 1991. p. 80.

(ANDRADE, 1991, p. 80)

Pode-se afirmar que o poema traz consigo inúmeros tipos de interpretações diferentes. Primeiramente devemos pensar a quem o eu lírico está se referindo em seu discurso. De forma imediata, imagina-se que seja um indivíduo simples, sem estudos e sem a perspectiva ou domínio da variante padrão. O que nos leva a pensar desta maneira são as regras gramaticais apresentadas no poema, como, por exemplo, milho>mio, melhor>mió, telha>teia e telhado>teiado substituem o /lh/ por /i/ e o /r/ ao final das palavras *melhor* e *pior* é eliminado.

Além disso, é de suma relevância abordar sobre os tipos de pronomes de tratamento que variadas regiões utilizam, por exemplo, no Sudeste da região Norte, no estado de Tocantins, o pronome *tu* é o tratamento mais utilizado quando o falante interage com o seu ouvinte. Por outro lado, em outras regiões como o Centro-Oeste, mais especificamente em Goiás, tem-se o hábito de falar *cê*, *ocê*, como forma redutiva do pronome de tratamento *você*. Ambas as pronúncias estão corretas e podem ser utilizadas no dia a dia. A respeito disso,

Há igualmente diferenças regionais quanto ao uso dos pronomes de tratamento. É comum, em alguns estados brasileiros, como o Pará, o Maranhão ou o Rio Grande do Sul, o uso do pronome *tu* (*tu vais, tu cantavas, se tu quiseres...*) enquanto em outros estados é mais comum se dizer *você* – ou as suas formas abreviadas *ocê* ou *cê* (*você vai, você cantava, se você quiser...*). (MARINHO e VAL, 2006, p.27)

O intuito não é apresentar que uma determinada região possua um maior domínio da língua padrão, mas, sim, que, em diferentes regiões, predominam diferentes maneiras de se comunicarem. Na perspectiva laboviana³, não existem falantes apenas de um único estilo, todos os falantes, sem exceção apresentam variação fonológica e sintática. Logo, “os falantes detentores de maior poder econômico e político possuem maior prestígio social e conseqüentemente transferem esse prestígio à sua variedade linguística.” (MARINHO e VAL, 2006, p. 27). Logo, não devemos anular todas as outras variantes que não são de prestígio por serem consideradas “ruins” ou “menos” importantes, pois o que dá vida à língua são os seus falantes que a modificam de acordo com o seu contexto social ou cultural.

³ William Labov é um linguista estadunidense, considerado o fundador da sociolinguística variacionista.

1.2 Variação Social

A variação social, conhecida como variação diastrática, refere-se a diferentes grupos sociais que possuem diferentes conhecimentos, mas que também dominam determinados sistemas de comunicação. Sendo assim,

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de variação social. Os principais fatores sociais que condicionam a variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo. (COELHO *et al.*, 2010, p. 78)

Grau de escolaridade: De acordo com alguns autores, o indivíduo que é letrado consegue compreender melhor as regras gramaticais que são empregadas do que aqueles que são pouco ou nada escolarizados. Falantes que são escolarizados dificilmente diriam *que “a gente somos”* ou *os menino foi suspenso*, frases produzidas tipicamente por aqueles que não são escolarizados. Certamente, eles diriam *que a gente foi e os meninos foram suspensos*. Assim, vale ressaltar que,

Falantes mais escolarizados tendem a produzir formas como ‘as meninas bonitas’, marcando o plural em todos os elementos do sintagma, ao passo que falantes menos escolarizados tendem a produzir formas como ‘as meninas bonita’ ou ‘as menina bonita’, marcando o plural em um ou dois elementos do sintagma. (COELHO *et al.*, 2010, p. 78)

Porém, a despeito das pesquisas, como a de Coelho *et al.*, seguindo por uma vivência pessoal, dentro da universidade, percebemos que ainda persiste entre parcela significativa de graduandos esses tipos de sentenças como *a gente somos*, *as meninas bonita* entre outras. Logo, afirmar que falantes mais escolarizados tendem a produzir frases de maneira mais coerente com a norma padrão pode, sim, representar um universo determinado em pesquisa científica, mas ainda temos, em nossa sociedade, um distanciamento entre nível de escolarização e domínio da norma padrão.

Nível socioeconômico: Além disso,

É um fator muito estudado, principalmente nos trabalhos de Labov e de seu grupo de pesquisa sobre o inglês de Nova Iorque. Resultados de seus estudos mostram que o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão. Mas essa constatação, em geral, é correlacionada com ocupação e estratificação estilística. (COELHO *et al.*, 2010, p. 78)

Embora os falantes adotem uma mesma língua, ela não será utilizada da mesma maneira por todos eles, por isso ocorrem as variações linguísticas, pois os falantes irão variar em cada situação. No nível socioeconômico, ocorrem duas situações: a primeira é de uma determinada classe de elite optar por utilizar a variante de prestígio por acreditar que seja apenas e a única maneira de falar o “correto”; e a outra é composta por um grupo social menos privilegiado que opta pelo uso de variantes não padrão.

Sexo/gênero: Estudiosos apontam que mulheres tendem a utilizar a língua de forma mais coerente do que os homens. Logo, “elas, em geral, preferem usar as variantes valorizadas socialmente; é como se elas fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola.” (COELHO *et al.*, 2010, p. 79).

Além disso, seria mais coerente falarmos sobre os impactos das variações linguísticas dentro das faixas etárias juntamente com sexo/gênero, pois “A questão da relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões dentre os sociolinguistas no Brasil e no mundo, pois, em geral, entra em jogo a questão da mudança linguística.” (COELHO *et al.*, 2010, p. 79).

Faixa etária: Alguns estudos atestam que as pessoas mais velhas tendem a proferir palavras mais antigas do que as mais novas. Logo,

Nesse caso, indivíduos adultos estariam refletindo o estado da língua adquirida quando tinham aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa de 70 anos estaria refletindo a fala usada 55 anos atrás. Ao comparar a fala desse adulto de 70 anos e a fala de um jovem, que nos dias atuais tem 15 anos, poderíamos enxergar mudança em curso na sincronia. (COELHO *et al.*, 2010, p. 80)

No entanto, pode-se afirmar que a língua falada por um indivíduo ao longo dos anos pode sofrer mudanças. Sendo assim, “Existem casos em que o uso linguístico diferenciado pelas faixas etárias não revela mudança, mas variação estável.” (COELHO *et al.*, 2010, p. 80)

Assim, é de suma importância levarmos em consideração que,

Enfim, vale salientar que, na dimensão externa, grupos de fatores como nível de escolaridade, nível socioeconômico e sexo/gênero, para se investigar em fenômenos em variação, não devem ser considerados isoladamente e podem explicar, entre outras coisas, o fato de um dialeto se aproximar mais ou menos da norma culta ou de prestígio. (COELHO *et al.*, 2010, p. 81)

Portanto, é válido que ensinemos sobre os fatores que influenciam as variações linguísticas em sala de aula, no intuito de que os alunos compreendam e respeitem as demais diversidades da língua e seus falantes, pois a erradicação do preconceito linguístico se inicia dentro do âmbito escolar.

1.2 Variação Estilística

As variações estilísticas remetem ao contexto que permite a adaptação da fala ou estilo dela, por exemplo, questões de linguagem formal e informal manifestam-se em diferentes situações comunicativas do dia a dia, quando o contexto sociocultural exige maior formalidade. Sabe-se que o uso da língua se transforma sempre que necessário, dependendo da necessidade que o falante tem de se adaptar, assim uma mesma pessoa consegue se expressar utilizando diferentes maneiras dependendo do meio no qual ela está inserida. Por exemplo, um usuário da língua pode se comunicar de maneira formal ou informal. Entre amigos e familiares, podem-se utilizar gírias, bordões, desvio de linguagem, gestos etc. No entanto, quando se trata de um ambiente formal como o de trabalho, deve-se manter a norma padrão. Desse modo,

Apesar da classificação entre registro formal e informal, normalmente, nossa fala não apresenta somente esses dois extremos. É mais apropriado pensarmos que existe um continuum que perpassa situações de maior ou menor formalidade, correspondendo a registros mais ou menos formais, entre esses dois polos. Ou seja, mais do que dois modos que se opõem, temos graus de formalidade que permeiam

as situações cotidianas de interação. Eventualmente, falantes vão apresentar uma escala maior ou menor de possibilidades de registro, dependendo de seu desempenho linguístico. As crianças, por exemplo, usualmente não apresentam uma escala grande e, portanto, têm menor possibilidade de variar estilisticamente seus registros. (COELHO *et al.*, 2010, p. 82)

Logo, é de suma relevância abordar neste tópico sobre os gêneros textuais e suas implicações no contexto linguístico de uma sociedade, em especial no meio educacional, pois pode-se afirmar que existem inúmeros gêneros textuais e que alguns deles são utilizados em nossas práticas sociais. Cada gênero textual possui uma linguagem diferente, por exemplo, o gênero textual receita tem a predominância da linguagem informal para uma melhor compreensão de um público específico, ou seja, pessoas que pretendem preparar uma receita. Por outro lado, o gênero textual “artigo de opinião” possui um caráter predominante da linguagem formal por tratar de assuntos que aparentam ter uma maior seriedade.

Desta forma, levando em consideração o que até aqui foi exposto a respeito das variações linguísticas e suas diferenças regionais, sociais e estilísticas, percebemos que as variações estão presentes à nossa volta de forma marcante, principalmente, na sala de aula. Sendo assim, é obrigação da escola ensinar aos alunos sobre as variações linguísticas de modo que eles compreendam que, apesar de falarmos o “português”, ele não se limita apenas a uma única forma de ser falado. E, mais, os professores devem estar preparados para saberem como agir diante dos chamados “erros de português”, já que alguns professores tendem a ter preconceitos linguísticos.

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O aluno é inserido no campo educacional aos cinco anos de idade, iniciando no Ensino Fundamental I, logo em seguida ingressa no Ensino Fundamental II e, por fim, no Ensino Médio. Durante esse percurso acadêmico, o aluno tem contato com outros alunos de diferentes etnias, culturas, hábitos e modos alternados de fala. Em consequência disso, o aluno também aprenderá novos conteúdos de variadas disciplinas, as quais compõem o seu currículo escolar, incluindo a Língua Portuguesa.

Sabe-se que a Língua Portuguesa é um campo vasto em que se estudam inúmeros conteúdos importantes para o intelecto do aluno e para o seu convívio em sociedade, incluindo, por exemplo, as variações linguísticas, cujo objetivo é apresentar as mais diversas formas de uso da língua para o indivíduo se comunicar. Porém, no meio escolar ainda há professores que prezam apenas pelo ensino tradicionalista, tomando a língua padrão como o modelo ideal e única forma correta de se falar e escrever a língua portuguesa. Sendo assim, o ensino “continua baseado em uma metodologia tradicionalista. Dessa forma, os docentes são direcionados a preparem suas aulas moldados no ensino normativo, caso contrário, não é considerado ensino” (ASSIS; LUQUETTI⁴, 2014, p. 2, *apud* DIAS MENEZES *et al.*, 2020, p. 319).

Diante desse pressuposto, não se pode negar que a Língua se depara com problemáticas no campo de ensino quando se trata da norma culta, pois de um lado temos professores que acreditam que a norma culta é o principal objetivo de ensino na escola e, por outro lado, temos professores que veem a norma culta como algo “ultrapassado”. Porém, o que não se leva em consideração é que, ao inferiorizar a norma culta ou qualquer outra, não se cumpre o verdadeiro objetivo do ensino da Língua Portuguesa que é ajudar o aluno desenvolver a capacidade de compreensão e a produção dos mais variados textos que sejam úteis para ele se comunicar em diversas situações sociais.

⁴ ASSIS, A. S. de; LUQUETTI, E. C. F. O Ensino Da Variação Linguística E O Livro Didático: O Processo De Ensino-Aprendizagem Da Língua Materna Na Educação Básica. 2014. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/1367.pdf>. Acesso em 10 agos. 2020.

Ademais, ao falar sobre a Língua Portuguesa, não poderíamos excluir os três tipos de ensino de língua que devem ser expostos, pois, ao ensinar uma língua, há a necessidade de apresentar os ensinamentos *prescritivo, descritivo e produtivo*.

“O ensino prescritivo objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguística considerados errados/inaceitáveis por outros considerados corretos/aceitáveis.” (TRAVAGLIA, 2006, p. 38). Sendo assim, o ensino prescritivo é algo ainda muito utilizado nas escolas a fim de ensinar o que há de certo ou errado na língua, ou seja, o ensino se restringe à língua padrão.

Por outro lado, “o ensino descritivo objetiva mostrar como a linguagem funciona e como determinada língua em particular funciona.” (TRAVAGLIA, 2006, p. 39). Diferente do ensino prescritivo, o ensino descritivo tem por objetivo mostrar como a língua é falada, sem o menor intuito de alterar a maneira como o aluno fala.

Por fim, o ensino produtivo tem a intencionalidade de ensinar novas habilidades linguísticas, ou seja, irá expandir a língua materna do aluno de maneira mais eficiente. Dessa forma, o ensino produtivo não irá

alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar os recursos que possui e fazer isso de modo que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas.” (HALLIDAY⁵, MCINTOSH E STREVENS, 1974, p. 276 *apud* TRAVAGLIA, 2006, p. 39-40).

Os três tipos de ensino aqui apontados são importantes no mesmo nível e são muito utilizados em sala de aula por professores. Porém, apesar de o ensino apenas prescritivo ainda ser ensinado em sala de aula, ele vem se tornando pouco eficaz para o desenvolvimento dos alunos. Por outro lado, os outros dois tipos de ensino estão sendo mais supervalorizados por se tratar de abordagens “inovadoras” e abrangentes trazendo, então, resultados satisfatórios.

Nesse contexto, deve-se ter consciência de que não há apenas uma única maneira de se falar português e os alunos devem ter isso em mente. Logo, o professor de Língua Portuguesa necessita trabalhar em conjunto com a gramática normativa ou

⁵ HALLIDAY, M. A. K; MCINTOSH, A.; STREVENS, P. As ciências linguísticas e o ensino de línguas. Tradução de Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

prescritiva e a variação linguística, pois tem-se o intuito de desenvolver no aluno a compreensão de que, conhecendo as mais diversificadas produções de textos, ele conseguirá utilizá-las para diversas situações de uso da língua. Assim, mostrar também os limites e a importância da norma culta e, ao mesmo tempo, apresentar uma liberdade no uso das variantes da língua. Outro aspecto a ser ensinado aos alunos trata-se da ilusão criada por pessoas leigas no assunto que apresentam as variações linguísticas como se elas existissem apenas no meio rural ou em outros ambientes menos escolarizados. Sendo assim, “existe na sociedade uma supervalorização da língua escrita (mais monitorada) em relação à língua falada (mais espontânea), pois ainda há o predomínio de noções de que há o “correto” e o “errado” no ato da fala.” (DIAS MENEZES *et al.*, 2020, p. 319). Quando apontamos que há o lado bom e ruim ou certo e errado de uma língua, na maioria dos casos estamos disseminando o preconceito linguístico, ou seja, tendemos a julgar uma pessoa ou grupo social pela sua maneira de falar. Sobre o preconceito linguístico, Marcos Bagno afirma:

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. (BAGNO, 2015, p. 22).

Além disso, é preciso salientar que o preconceito linguístico ocorre em todos os âmbitos, mas, principalmente em sala de aula por ter uma vasta quantidade de alunos que são provenientes de classes menos favorecidas, com menos acesso à *internet*, a livros etc. Os professores de Língua Portuguesa devem ensinar a norma padrão, mas não devem anular ou desprestigiar a língua falada pelo aluno, pois há a presença de dialetos na língua materna que não podem ser ignorados. Nesse sentido, Geraldi dirá:

Cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc. Isso porque é preciso romper o bloqueio de acesso

ao poder e a linguagem é um de seus caminhos. (GERALDI⁶, 1996, p. 163 *apud* DIAS MENEZES *et al.*, 2020, p. 321).

Logo,

É primordial, então, que se considerem os preceitos defendidos pela Sociolinguística, ou seja, o contexto sociocultural e econômico desse aluno deve ser levado em conta; os fatores sexo, idade, classe social, localidade são primordiais para não estereotipar o falar desse discente. (DIAS MENEZES *et al.*, 2020, p. 321).

Sendo assim, o professor deve se atentar à forma como ele ensina sobre as variantes de modo que não desrespeite nenhum aluno que faz uso constante de outras variantes até mesmo sem saber. É de suma importância enfatizar sobre isto, pois alguns professores tendem a ser intolerantes a respeito das variações linguísticas, porque no Brasil, “as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado” (BORTONI-RICARDO⁷, 2005, p. 14 *apud* CARDOSO e SEMECHECHEM, 2020, p. 181). Sobretudo, a atenção que os livros didáticos dão às variantes ainda é precário, pois ela quase sempre está ligada a falantes menos escolarizados, especialmente, moradores da zona rural, como se falantes urbanos falassem apenas a norma culta a todo instante sem cometer esses “desvios”, ou seja, é como se os falantes urbanos usassem sempre a língua padrão ou culta. Outro aspecto relevante é que, em muitos casos, quando se ensinam as variantes linguísticas, são taxadas também como um “erro” da língua.

2.1 Variação Linguística e os Parâmetros Currículos Nacionais (PCNs)

O processo de elaboração dos PCNs iniciou-se em 1995. Ao final desse ano, já havia uma prévia sobre o documento, estando divididas para o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio. O documento,

⁶GERALDI, J.W. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em 17 de fev. de 2020.

⁷ BORTONI-RICARDO, S. M **Nós chegemu na escola, e agora?**: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

na versão de 1997/98, é dividido por partes, ou seja, para cada disciplina (Matemática, Língua Portuguesa, Ciências Naturais, Artes, Educação Física, História e Geografia), há orientações específicas.

Os PCNs (1998) propunham, como objetivo geral do ensino de língua portuguesa para o ensino fundamental, a formação de indivíduos capazes de adequar-se às diversas situações discursivas, expressando-se oralmente e por escrito em diferentes padrões de linguagem, especialmente o culto, a fim de adquirir competência leitora para obter informações, interpretar dados e fatos, recrear-se, recriar, observar, comparar e compreender textos. (SOUZA FILHO E MOURA, 2020, p 74)

Logo, analisaremos o texto relativo à Língua Portuguesa, mais especificamente sobre a importância que os PCNs dão às variantes linguísticas, em suas mais diversificadas versões. Mas, antes de iniciarmos a análise, tem-se a necessidade de apresentar qual o objetivo dos PCNs. Logo,

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 05)

No entanto, o que se deve levar em consideração neste tópico é a respeito de como os PCNs abordam as variantes linguísticas, qual é o enfoque do documento quando se trata da língua, enquanto contexto social, regional ou estilístico. Sendo assim, o documento possui orientações didáticas específicas para alguns conteúdos, de modo que seja uma espécie de guia para os professores terem orientações sobre como tratar determinado conteúdo de maneira lúdica e aprofundada. Os Parâmetros expõem que:

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais

cuidadas e refletidas, falas cerimoniosas. Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência. (BRASIL, 1998, p. 81)

Consegue-se notar que os PCNs têm a preocupação de que os alunos aprendam que a língua é mutável e precisa ser estudada e discutida em sala de aula. Além disso, dá ênfase ao modo como a escola deve se atentar ao expor sobre o preconceito linguístico, pois não basta apenas explicar o que são as variantes, precisa ensinar, também, que discriminação linguística é inadmissível. Sendo assim,

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. (BRASIL, 1998, p. 82)

Para que se tenha uma compreensão melhor do que está sendo afirmado, é necessária a presença de exemplos de partes dos PCNs referentes às propostas de atividades que permitem explorar de forma mais detalhada como se deve ensinar as variantes no Ensino Fundamental. Vejamos:

Quadro 01: Proposta de Atividades sobre Variações Linguísticas para o Ensino Fundamental

- transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
- edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
- análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
- levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratam

de um mesmo assunto para públicos com características diferentes:

- * elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
- * estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
- * comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
- * comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
- * comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
- * comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
- * comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
- análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
- análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
- análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional.

Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998, p. 82-83)

Nota-se que, apesar de ser uma das primeiras versões do documento, ele aborda de forma específica como as variantes devem ser ensinadas de uma maneira

funcional e mais lúdica. Além disso, observa-se que ensinar variantes vai além da sala de aula, pois, ao ensinar que a língua possui variações independente da região, o aluno irá se atentar mais na maneira como as pessoas à sua volta se comunicam, observando se há a presença ou não de variantes nos gêneros textuais com os quais ele possui um maior contato e, conseqüentemente, irá erradicar o preconceito linguístico por entender melhor a sua língua materna. Assim sendo, é de suma relevância que se explique sobre as variantes com a maior riqueza de detalhes possível de modo que os alunos entendam que as variantes pertencem ao nosso cotidiano e fazem parte de quem somos enquanto falantes de uma língua.

Já no Ensino Médio de modo geral, os Parâmetros possuem uma proposta instigadora, em que o principal objetivo é o desenvolvimento de senso crítico no aluno, levando-o a compreender a importância e necessidade de dominar a Língua Portuguesa. Percebe-se que “pensar o ensino de Língua Portuguesa no ensino médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática, mas também para a produção de textos e a oralidade”. (BRASIL, 2002, p. 70). Dessa forma,

As competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) permitem inferir que o ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho. (BRASIL, 2002, p. 55)

A respeito das variações linguísticas no Ensino Médio, os PCNs são objetivos. Observe-se o quadro 02:

Quadro 02: Procedimentos relativos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que dizem respeito à Variação Linguística

Entre os procedimentos relativos ao desenvolvimento da **competência gramatical**, convém ressaltar aqueles que dizem respeito à **variação linguística**, profundamente relacionados também à competência interativa:

- avaliar a adequação ou inadequação de determinados registros em diferentes situações de uso da língua (modalidades oral e escrita, níveis de registro, dialetos);
- a partir da observação da variação linguística, compreender os valores sociais nela implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra os falares populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos;
- aplicar os conhecimentos relativos à variação linguística e às diferenças entre oralidade e escrita na produção de textos;
- avaliar as diferenças de sentido e de valor em função da presença ou ausência de marcas típicas do processo de mudança histórica da língua num texto dado (arcaísmo, neologismo, polissemia, empréstimo).

Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 2002, p. 82)

Perante o quadro 02, a respeito das variantes linguísticas no Ensino Médio, os PCNs são pouco detalhistas, pois a partir do momento em que o aluno ingressa no Ensino Médio, seria necessário que houvesse uma retomada do que se tratam as variantes e não apenas a análise da maneira de seu funcionamento, seria viável que também houvesse a retomada sobre o processo de cada uma e cuidando para não se limitar apenas em ensinar sobre as variantes mais conhecidas. Além disso, ainda a respeito do quadro 02, os PCNs abordam as variantes de maneira menos tradicionalista, pois abordará sobre mudanças históricas da língua, envolvendo arcaísmo, neologismo, polissemia e empréstimo, aspectos considerados incomuns no processo de ensino sobre as variações linguísticas.

2.2 Variação Linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Atualmente, no Brasil, as escolas, sejam elas públicas ou privadas, necessitam fazer uso da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). A BNCC corresponde a um documento normativo que prescreve as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo de toda a Educação Básica. (BRASIL, 2018 *apud* CARDOSO e SEMECHECHEM, 2020, p. 180).

Diante desse pressuposto, há alguns pontos que precisam ser mencionados referentes à BNCC, especificamente, a necessidade que se tem de investigar sobre como esse documento irá apresentar o estudo das variações linguísticas no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Pois, sabe-se que é de grande importância que as variações linguísticas sejam ensinadas na educação básica de forma eficaz e coerente de modo que contribua de forma significativa para a educação linguística dos alunos.

Na BNCC, o Ensino Fundamental está estruturado da seguinte maneira: cinco áreas de conhecimento, competências específicas de cada área, componentes curriculares e competências específicas de componente. Além disso, também possui para os Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, no intuito que sejam trabalhadas nessa etapa de ensino. Já no Ensino Médio, ela está estruturada apenas em áreas do

conhecimento, competências específicas de área (Língua Portuguesa e Matemática) e habilidades.

Além disso,

Outra categoria organizadora do currículo que se articula com as práticas são os campos de atuação em que essas práticas se realizam. Assim, na BNCC, a organização das práticas de linguagem (leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica) por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes. (BRASIL, 2018, p. 84).

A escolha inusitada por esses campos deu-se em defesa da ideia de que os alunos devem exercer seus pensamentos e habilidades fora do campo escolar por meio de pautas que vislumbram a discussão e soluções de problema como uma forma de aprendizagem para os alunos. Mas para além disso,

a divisão por campos de atuação tem também, no componente Língua Portuguesa, uma função didática de possibilitar a compreensão de que os textos circulam dinamicamente na prática escolar e na vida social, contribuindo para a necessária organização dos saberes sobre a língua e as outras linguagens, nos tempos e espaços escolares. (BRASIL, 2018, p. 85).

Sendo assim, é de suma relevância que apontemos neste momento sobre como as variações são apresentadas pela BNCC. Como foi discorrido acima, a BNCC sofreu algumas alterações ao decorrer do tempo em comparação com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), incluindo novas maneiras de se ensinar a Língua Portuguesa entrelaçando com a vida social de cada aluno, no intuito de preparar cada indivíduo para os desafios posteriores. Logo, uma das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental relacionadas com as variações linguísticas é "Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos". (BRASIL, 2018, p. 87). A menção ao trabalho com as variações linguísticas no Ensino Fundamental, especificamente nos anos iniciais, do terceiro ao quinto ano, se dá por meio das habilidades da BNCC que visam a propor algo lúdico e funcional de modo que, ao terem contato com o assunto, os alunos conseguirão compreender sobre o que se trata. Vejamos:

Quadro 03: Habilidades da Língua Portuguesa na BNCC sobre as variantes.

(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 113)

Perante o quadro 03, observamos que a BNCC orienta que os professores apresentem aos alunos as variedades linguísticas, identificando algumas características presentes em cada uma delas e, acima de tudo, ensinando aos alunos que é de grande valia que eles respeitem o uso da língua de diferentes grupos regionais e culturais. É muito importante que os professores, ao ensinarem sobre as variantes, não as apresentem como um “erro”, determinando que apenas a gramática normativa deva ser ensinada.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, os alunos tendem a ser mais responsáveis e com um senso crítico mais apurado, resultando em uma maior percepção do que, de fato, são as variantes de uma língua e como pode ocorrer o preconceito linguístico, o qual possivelmente já sofreu ou praticou. Sendo assim, durante os anos finais do Ensino Fundamental, as variantes são ensinadas aos alunos de uma outra forma em comparação aos anos iniciais. Vejamos:

Quadro 04: Habilidades da Língua Portuguesa na BNCC sobre as variantes nos anos finais do Ensino Fundamental.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.
(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 161)

Observa-se que, nos anos finais, a BNCC orienta aos professores que ensinem sobre as variantes juntamente com a norma-padrão. Porém, ao fazer isso, os professores devem atentar-se a não compararem uma com a outra, ou até mesmo insinuar que variação linguística é tudo aquilo que não é norma-padrão. Seria totalmente errôneo um professor de Língua Portuguesa praticar tais atos.

Ademais, não podemos esquecer do Ensino Médio e a aplicação das variantes no ensino dos alunos. Analisemos o quadro a seguir:

Quadro 05: Competência específica 4 BNCC.

HABILIDADES
(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p.494)

Sendo assim,

Essa competência específica indica a necessidade de, ao final do Ensino Médio, os estudantes compreenderem as línguas e seu funcionamento como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos, respeitando os fenômenos da variação e diversidade linguística, sem preconceitos. (BRASIL, 2018, p. 494)

Acrescenta também:

Ela também diz respeito à utilização das línguas de maneira adequada à situação de produção dos discursos, considerando a variedade e o registro, os campos de atuação social, e os contextos e interlocutores específicos, por meio de processos de estilização, seleção e organização dos recursos linguísticos. (BRASIL, 2018, p. 494)

Para que se tenha uma compreensão melhor do que está sendo dito, vejamos o quadro 06 sequenciado de uma breve explicação.

Quadro 06: Habilidades da Língua Portuguesa na BNCC

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL	
PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica	
Habilidades	Competências específicas
(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.	4

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p.508)

Espera-se como resultados de trabalhar no Ensino Médio tais habilidades, expressas na competência quatro, na disciplina de Língua Portuguesa, que os alunos consigam ter a compreensão de que a língua é mutável e heterogênea. Sabe-se que, dentro de uma sala de aula, apresenta-se exemplo vivo de diversidades linguísticas. Por se tratar de adolescentes, o professor deve utilizar recursos didáticos que envolvam a tecnologia como exemplos, o *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter* ou até mesmo o discurso do aluno. Outro ponto importante a ser discutido é a necessidade de os professores buscarem alternativas lúdicas independentemente do nível de escolarização, pois trata-se de um assunto que abrange outros conteúdos linguísticos, como o discurso e a escrita.

2.3 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Uma Relação com as Variantes Linguísticas

Após uma breve análise dos PCNs e da BNCC a respeito das variações linguísticas, pode-se afirmar que ambas possuem/possuíam a mesma intencionalidade visando abranger o intelecto e o desenvolvimento do aluno ao ingressar no Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, tornando-se um indivíduo capaz de respeitar sua própria língua e saber lidar com as diferenças que ela possui. Os PCNs não se encontram mais em vigência nos dias atuais, dando lugar, por sua vez, para a BNCC. Ao fazer uma comparação entre ambos, nota-se que a principal diferença se encontra no longo tempo de publicação, os PCNs aqui analisados são do ano de 1997/98 e a BNCC de 2018. Sendo assim,

À época dos PCNs já se percebia o quanto a formação tradicional ou a encontrada na maioria dos livros didáticos, responsável pela aprendizagem do aluno, estava distante desse objetivo. Até mesmo muitos professores do ensino fundamental que estavam e ainda estão atuando em salas de aula tiveram uma formação de Língua Portuguesa baseada nessa tradição e, assim, tinham dificuldade de levar o aluno a atingir os objetivos contidos nos PCNS. (SOUZA FILHO e MOURA, 2020, p. 74)

Apesar de possuir esse espaço de tempo, conseguimos perceber pontos que se aproximam e pontos que se distanciam, por exemplo, os PCNs visam a dar uma

maior profundidade sobre as variantes nos anos iniciais e acaba despriorizando o Ensino Médio, algo que não deveria ocorrer, uma vez que alunos do Ensino Médio tendem a ter uma bagagem linguística mais densa que os alunos do Ensino Fundamental por se tratarem de adolescentes que estão, a todo instante, ligados aos assuntos da atualidade. Logo, eles deveriam ter uma atenção especial. Já a BNCC apresenta uma abordagem mais abrangente no que diz respeito a ensinar as variantes linguísticas, relacionando-as com a realidade da maioria dos jovens, ou seja, a tecnologia. Porém, não se pode anular que, na época em que os PCNs referentes ao Ensino Médio foram publicados, a tecnologia ainda não era um fator primordial da sociedade. Ainda nesse viés,

Em relação ao componente curricular Língua Portuguesa, verificou-se que houve um ponto de contato entre os PCNS e a BNCC, pois ambos os documentos apresentam centralidade no texto para desenvolvimento dos estudos da língua. Assim, pode-se observar que para o estudo do texto nas salas de aula, há a necessidade de se fazer menção aos gêneros textuais e seguidamente à variação da língua, pois como bem afirma a BNCC (BRASIL, 2017, p. 80), no que tange ao estilo, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero. (SOUZA FILHO e MOURA, 2020, p. 86-87)

Logo, não podemos afirmar que uma é melhor que a outra por razões de ambas serem eficazes, ou seja, uma não se sobrepõe à outra. No entanto, de forma geral, não se limitando apenas às variantes, a BNCC possui uma abrangência maior em especificidades, habilidades e competências, de forma mais organizada e detalhada, seguindo verdadeiramente o rótulo de um guia de professores e de rede de ensino. Agora, sobre os PCNs,

Observa-se o quanto os PCNs foram relevantes para a educação brasileira, sobretudo para o ensino da língua portuguesa, pois trouxeram saberes antes obscurecidos ou não tratados com a devida importância, tais como os gêneros textuais e a variação linguística. Assim, pela robustez metodológico-didática que continham, é impossível não se fazer menção ou mesmo não dar os devidos créditos a esse importante título que abriu caminhos para várias discussões educacionais e que serviu de extrato para a Base Nacional Comum Curricular. (SOUZA FILHO e MOURA, 2020, p. 76)

Assim sendo, não podemos negar que os dois documentos analisados seguem a mesma perspectiva de almejar que os alunos compreendam sobre a língua que falamos, as variações que nela ocorrem e a importante correlação entre gramática e variantes. No entanto, há um ponto fortemente negativo em ambas que se baseia em

uma abordagem muito superficial de limitação ao apenas ensinar o que é e o que são as variações linguísticas.

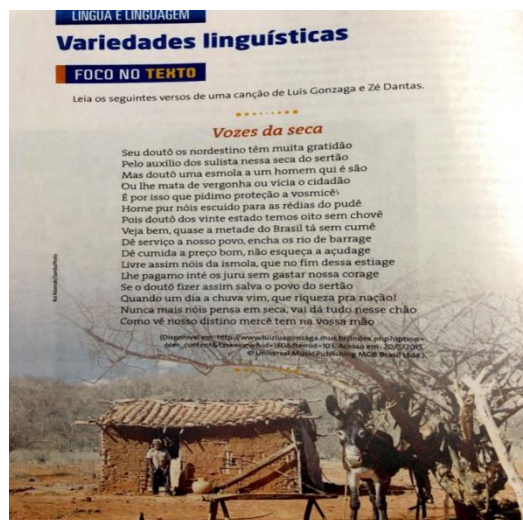
entendendo-a apenas como o falar ou o escrever “desse/daquele jeito”. Isso não levará o aluno a uma consciência crítica e libertadora no uso da sua língua/linguagem, fornecendo-lhe competência comunicativa plena e a formação integral. (SOUZA FILHO e MOURA, 2020, p. 88)

Logo, é de suma importância que nos atentemos ao ensinar sobre as variantes, pois a maneira que ela será aplicada em sala de aula irá influenciar no desenvolvimento do aluno.

3. O ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E SEU FUNCIONAMENTO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, apresentamos uma seleção de livros didáticos de escolas públicas e privadas que estão sendo analisados com o intuito de encontrarmos conteúdos sobre as variantes linguísticas e a maneira como são apresentadas. O primeiro a ser analisado é o livro **Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso**, de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien, publicado em 2016 e destinado ao 1º ano do Ensino Médio, de uma escola pública. Sendo assim, ainda que de maneira sucinta, pretendemos analisar a aplicabilidade da teoria das variantes, partindo de uma postura observadora e crítica. O livro didático em questão, em um primeiro momento, aborda versos de uma canção de Luís Gonzaga e Zé Dantas *Vozes Secas*. Observe o trecho mencionado a seguir.

Exemplo 01: Versos de uma canção de Luís Gonzaga e Zé Dantas.



Fonte: Livro didático.⁸

O exemplo 01, retirado do livro, inicia o capítulo referente às Variedades Linguísticas e, logo em seguida, a canção vem sequenciada de uma atividade de oito

⁸ CEREJA, William; DIAS VIANNA, Carolina; DAMIEN, Christiane. **Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso**. São Paulo: Saraiva, 2016.

questões ligadas à interpretação de texto. Sabe-se que é de suma relevância trabalhar com a interpretação de texto, mas seria mais viável, neste caso, interligar a canção com as variedades linguísticas de forma direta, pois claramente a canção seria um ótimo gênero textual para iniciar explicando o que são as variações regionais, por ser uma canção que possui uma linguagem regionalista.

Logo em seguida, os autores do livro conceituam as variantes da seguinte forma:

Exemplo 02: Conceituação de Variação Linguística.

Variação linguística são os diferentes modos de falar uma língua – as variedades linguísticas – relacionados à idade do falante, à sua classe social, ao espaço em que ele se encontra e, ainda, aos objetivos e aos usos específicos que ele faz da língua.

Fonte: Livro didático.

Nota-se que os autores trouxeram uma definição de variações simplificadas, limitando-se apenas em dizer que ocorrem variações na língua devido à idade, à classe e ao espaço no qual ela está sendo falada. Porém, não podemos esquecer que as variantes ocorrem por uma infinidade de razões, além dessas mencionadas pelos autores. Ainda nesse mesmo viés, observa-se que os autores são bem claros em seus posicionamentos acerca de uma variante não ser melhor que a outra. Eles apontam que,

Podemos dizer que o português são muitos e que todas as suas variedades servem às finalidades para as quais existem. Determinar a norma-padrão de uma língua não significa definir uma variedade como a mais correta, mais completa, mais bonita ou mais dotada de certa qualidade específica. (CEREJA *et al.*, 2016, p.51)

Dando sequência à análise, foi possível perceber que os autores trouxeram quatro tipos de variantes diferentes, algo positivo, pois boa parte dos livros didáticos abordam apenas as três variações mais comuns. Sendo assim, o livro em específico abordará sobre a variação diacrônica, diatópica, diastrática e a diamésica. Porém, há uma grande limitação de atividades, pois referente ao conteúdo de variantes linguísticas existem apenas uma única atividade com pouca ou quase nada de correlação com o tema. Veja o exemplo a seguir retirado do livro didático:

Exemplo 03: Atividade relacionada com o tema Variações Linguísticas

APLIQUE O QUE APRENDEU

Leia os textos e, com base em quando, por quem e onde foram provavelmente produzidos, relacione, em seu caderno, cada um dos itens a seguir.


Texto 1

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.
Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,

Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.
[...]

(Patativa do Assaré. *Cante lá que eu canto cá. Filosofia de um trovador nordestino*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.)

UNIDADE 1 RUMORES DA LÍNGUA E DA LITERATURA



Texto 2

Tão gostoso e saudável para seus filhos! Porque o refrescante e inigualável Guaraná always é feito com o grãozinho guaraná natural da Impressionante selva amazônica!

(Disponível em: <http://brachudacio.blogspot.com.br/2013/04/jornal-das-moarchive>. Acesso em: 20/2/2015.)

Texto 3

Guaraná Antártica. Todo mundo quer. Só a gente tem.

(Disponível em: <http://maquimarketing.com.br/tag/refrescante/>. Acesso em: 20/2/2015.)

Texto 4

- Neksetá? — Maonkotó?
- Tokocôé — Onkocetáss)?? Cetáonkotó!
- Nôndikicocé? — Numtotivensusó!
- Trazdocêssô — To-inall!
- Faverdadsô. Oncocetá? — [...]
- Eu toonkocetá


(Disponível em: <http://angoligon.com.br/2014/05/21/um-apele-ao-juliano-e-beija-flor/>. Acesso em: 14/8/2015.)

Texto 5

- Mas bah! Tô frio viâl!
- Tchê, mas aquele minuano de ontem tava de renguear cusco.
- Barbaridade!

(Disponível em: <http://andresmuniz.blogspot.com.br/search?label=Bah!+%3C%3E+vi%3E+viu>. Acesso em: 20/2/2015.)

a. propaganda de guaraná da década de 1950
b. sátira de dois mineiros conversando por celular
c. diálogo tipicamente gaúcho
d. poema de Patativa do Assaré, poeta popular nordestino, de 1978
e. propaganda de guaraná, de 2014



Fonte: Livro didático.

Nota-se que o texto 01,02,03,04 e 05 têm correlação com o tema de variações linguísticas, mas as alternativas a,b,c,d e e poderiam ter sido melhor organizadas para que o aluno conseguisse designar cada texto às suas respectivas variantes, por exemplo: diacrônica; diastrática; diatópica e diamésica. Outro aspecto que deve ser mencionado é a ausência de um tópico referente ao preconceito linguístico, algo que não poderia deixar de ser exposto de forma escrita em um material didático que trata sobre as variantes linguísticas.

No mesmo viés, agora, analisaremos um diferente livro didático, na mesma perspectiva de observar como as variantes são apresentadas. O livro analisado será o do 8º ano do Ensino Fundamental de uma instituição privada e chama-se **Gramática: Texto, Reflexão e Uso**, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do ano de 2012.

O livro didático em específico irá abordar questões de suma relevância para o desenvolvimento do aluno no quesito conteúdo. O capítulo analisado especificamente é o capítulo 3 *As variedades de uma língua plural*, logo no início, deparamos com um texto que notoriamente apresenta ser uma variação regional. Vejamos.


Exemplo 04: Anedota

Construindo o conceito

Leia esta anedota:

Mineiro dando notícia ruim

Madrugada, o telefone toca:
 — Alô, Sr. Carlos? Aqui é o Washington, caseiro do seu sítio...
 — Pois não, Seu Washington. Que posso fazer pelo senhor? Houve algum problema?
 — Ah, eu só tô ligando pra avisá pro sinhô que o seu papagalgo morreu.
 — Meu papagalgo? Morreu? Aquele que ganhou o concurso?
 — É, ele mesmo.
 — Puxa!!! Que desgraça!!! Gastei uma pequena fortuna com aquele bicho!!! Mas... e ele morreu de quê?
 — Di cumê carne estragada.
 — Carne estragada?? Quem fez essa maldade?? Quem deu carne para ele??
 — Ninguém. Ele comeu a dum dos cavalo morto.
 — Cavalo morto!!!? Que cavalo morto, Seu Washington?
 — Aquelles puro sangue que o sinhô tinha! Eles morreram de tanto paxá carroça d'água!



34 UNIDADE 1 • LÍNGUA E LINGUAGEM

— Tá louco? Que carroça d'água?
 — Pra apaga o landeleu.
 — MAS QUE INCÊNDIO? MEU DEUS!!!
 — Tá nos céu, uma vela caiu, ai pegou fogo nas montañas!
 — Carabá, mas aí tem luz elétrica!!! Que vela era essa??
 — De velório.
 — DE QUEM??
 — De sua mãe! Ela apareceu aqui sem avisá e eu dei um tiro nela pensando que fosse ladrão!
 (http://img.embolha/2004/07/palco-de-mineiro.html, Acesso em: 3/18/2013)

1. Ao telefonar para o patrão, o caseiro diz: "eu só tô ligando pra avisá pro sinhô que o seu papagalgo morreu". Que efeito de sentido tem a palavra *só* no contexto?
 - a) *hábil* e *sem compromisso*.
 - b) *comparação* e *levantamento de hipóteses*.
 - c) *ênfase* e *ênfase*.
2. Você já deve ter ouvido a expressão "agir como mineiro", que significa lidar com situações de modo habilidoso e sem se comprometer.
 - a) Pela ordem, quais são as variedades que o caseiro comunica ao patrão?
 - b) Compare-as e levante hipóteses: Por que o caseiro adota a estratégia de começar pela morte do papagalgo?
 - c) Essa estratégia confirma ou nega a fama que o mineiro tem de ser habilidoso?
3. Patrão e empregado, para se comunicarem, usam a língua portuguesa. Compare o modo como cada um deles fala.

patrão: "Pois não, Seu Washington. Que posso fazer pelo senhor? Houve algum problema?"
 caseiro: "Ele comeu a dum dos cavalo morto."
 — Aquelles puro sangue que o sinhô tinha!"

 - a) Identifique nos trechos uma palavra que foi falada pelas duas personagens de sotaques diferentes.
 - b) A que você atribui essa diferença?
4. A linguagem do caseiro foge à norma-padrão, isto é, não segue o português culto, utilizado em livros, jornais e revistas.
 - a) Por que, na anedota, o caseiro foi retratado como usuário de uma linguagem popular?
 - b) Nos trechos reproduzidos na questão 3, como ficaria a fala do caseiro se ela fosse reescrita de acordo com a norma-padrão?
5. Se sua família veio de uma região do país diferente daquela em que você mora, comente com os colegas que diferenças é possível observar entre o português falado naquela região e o falado na cidade em que você vive hoje? Cite alguns casos.

Concluindo

A anedota lida mostra que não existe um único jeito de falar o português. Muitos fatores, como idade, sexo, local de origem, profissão, classe social, nível de escolaridade, grupos sociais, região, etc., influenciam a forma de falar.

CAPÍTULO 3 • As variedades de uma língua portuguesa 35

Fonte: Livro didático⁹

Observa-se que, assim como o livro anterior, este também se inicia com algumas atividades de interpretação de texto sequencial de um tópico escrito "Conceituando", cuja finalidade é apontar que a anedota apresentada mostra que não há apenas um único modo de falar a língua portuguesa e que há fatores que interferem para isso ocorrer. Outro aspecto de suma relevância é que os autores apresentam tópicos pertinentes para o intelecto do aluno, por exemplo, conteúdos a respeito da norma-padrão e variedades de prestígio, variação linguística e preconceito social.

Ademais, os autores apresentam os tipos de variação linguística de uma forma contrária aos demais autores, pois eles apontam os diferentes motivos de ocorrerem as variações e não apenas as características e o conceito de cada tipo, por exemplo. Dessa forma, apresentam diferenças de lugar ou região, escolaridade e classe social, diferenças históricas, oralidade e escrita, formalidade e informalidade, gíria. Observe o quadro a seguir:

⁹ CERTEJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática: Texto, Reflexão e Uso**. São Paulo: Atual, 2012.

Exemplo 05: A maneira como as variações são apresentadas no livro didático.

TIPOS DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital; o português falado no Sul do país é diferente do falado no Nordeste; o português falado no Brasil é diferente do falado em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa, como Angola, Moçambique e Cabo Verde.

As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais.

Escolaridade e classe social

A variedade linguística que você observou na fala do caixeiro na anedota "Mineiro dando notícia ruim" é um exemplo de variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade. O emprego de expressões como "cumê", "puxá", "bicicreta", "prático" é comum entre pessoas que frequentam pouco ou não frequentaram a escola.

Diferenças históricas

Tente descobrir a resposta desta adivinha:

O que é, o que é?
Em cima daquela serra
Tem uma moça enfeitada,
Nem cosida com agulha,
Nem com tesoura talhada.
(Dorival Cayrol)

Nos versos acima, há duas palavras que atualmente quase não são mais empregadas na linguagem infantil: **cosida** e **talhada**. **Cosida** é o mesmo que "costurada", e **talhada** equivale a "cortada". Diferentemente das crianças do passado, que conheciam o sentido dessas palavras, as crianças de hoje provavelmente teriam dificuldade para resolver essa adivinha, que, por isso, tende a desaparecer das brincadeiras infantis.

Oralidade e escrita

Em princípio, a língua oral é mais espontânea do que a língua escrita. Na língua oral são comuns, por exemplo, as repetições, as quebras na sequência de ideias, problemas de concordância e o uso de expressões de apoio, como *neh, hum...*, *tá ligado?*, *entendeu?*, etc. Já a língua escrita é mais monitorada, pois temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitirmo-lo exatamente o que desejamos.

Contudo, essas diferenças entre oralidade e escrita têm diminuído bastante, principalmente nos dias de hoje. Primeiro porque hoje a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê

mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais. Em segundo lugar porque, com o uso da Internet, as fronteiras entre o oral e o escrito têm se enfraquecido, já que os textos de e-mails, *orkut*, *twitter* e *facebook*, embora sejam escritos, aproximam-se bastante da fala.

Formalidade e informalidade: graus de monitoramento

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público, quando, em busca de emprego, somos entrevistados, quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como *galera*, *safado*, *pra caramba*, *curtir*, *é um saco*, etc., e por isso nossa fala se aproxima mais da norma-padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal.

A gíria

Leia este diálogo:

Outro dia o coruja estava batendo lata e encontrou um tatu.
— E aí? Eles acertaram o pilão?
— Que nada, o espada abriu o caderno e passou o maior chapéu no piolho!
(Cláudio Fazzari, *Cinco de todos os pobres*, São Paulo: Panda, 2003.)

A gíria e um tributo

A gíria [...] surge entre pessoas que se identificam por uma atividade esportiva, profissional ou artística. A gíria pode ultrapassar o meio em que foi criada e contagiar outras tribos. Mas também pode não pegar ou durar pouco e ser rapidamente esquecida.
(Cláudio Fazzari, *op. cit.*, p. 5.)

Se você teve dificuldade para compreender esse diálogo, é porque não conhece a gíria dos taxistas. Releia o texto a partir deste vocabulário:

abrir o caderno: falar demais, contar sua vida.
bater lata: andar com o carro vazio, à procura de passageiro.
chapéu: golpe, ato de não pagar a corrida de táxi.
coruja: taxista que trabalha à noite, de madrugada.
espada: passageiro difícil de enganar.
pilão: corrida prefixada (o motorista ignora o taxímetro e estipula o preço antes de sair).
piolho: taxista que assalta o passageiro, até mesmo à mão armada.
tatu: passageiro inocente, vítima fácil.

Esse diálogo é um exemplo de como determinados grupos sociais — taxistas, skatistas, funkeiros, surfistas, jogadores de futebol, estudantes, policiais e outros — usam certas palavras e expressões que são próprias do grupo.

As gírias geralmente surgem e desaparecem rapidamente, mas algumas acabam sendo usadas por vários grupos sociais, chegando a fazer parte da língua de toda a sociedade e, conseqüentemente, passam a integrar os dicionários.

Fonte: Livro didático.

Percebe-se que, ao explicar sobre os tipos de variação linguística, os autores não classificaram as variantes quanto aos tipos, como por exemplo, *variação regional*, *social*, *estilística* ou *diamésica*, pressupondo que todas as variações têm a mesma terminologia. Logo, neste caso, cabe ao professor apresentar aos alunos os tipos de variações, o conceito e a funcionalidade de cada uma, pois a forma como foi apresentada possibilita confundir os alunos no processo de aprendizagem.

3.1 O Desenvolvimento Cognitivo dos Alunos Referente às Variações Linguísticas

A partir de uma pesquisa de campo, por meio do estágio com uma turma do 1º ano do Ensino Médio, foi possível verificar, na prática, o que os alunos entendem por variações linguísticas. De modo geral, os alunos conseguem compreender, de forma clara, que a nossa língua possui uma variação e que é algo comum não nos comunicarmos a todo instante de maneira formal uns com os outros.

Para que os alunos compreendessem, de forma mais objetiva, sobre o que estava sendo tratado, a aula foi expositiva e dialogada. A todo instante, estávamos interagindo com os alunos para que se fixasse a importância de estudarmos e estarmos cientes sobre o funcionamento da nossa língua e que não falamos apenas de uma única maneira.

Além disso, foram apresentados aos alunos apenas três tipos de variantes, pois são as que mais tiveram enfoque neste presente trabalho, sendo estas, as variações regionais, sociais e estilísticas. Apesar de os alunos já terem visto tais conteúdos nos anos iniciais e no Ensino Fundamental II, eles tiveram uma certa dificuldade em explicar o que seriam as variações sociais e estilísticas, mas, ao final da aula, todos conseguiram desenvolver o trabalho proposto a respeito das variantes, ficando subentendido que todos compreenderam o conteúdo.

Outros conteúdos de suma relevância, apresentados durante a aula, sobre a linguagem formal e informal e sobre o preconceito linguístico. Os alunos conseguiram identificar facilmente e até mesmo citar exemplos de linguagem formal e informal. O intuito de apresentar sobre o preconceito linguístico estava relacionado ao ambiente em que eles estão inseridos, ou seja, a escola é um lugar, em que convivem pessoas heterogêneas, oriundas de diferentes regiões e pertencentes a classes sociais diversas. Logo, é de suma importância que os alunos compreendam que zombar de uma pessoa com a pronúncia ou linguajar diferente do dele, mesmo em tom de brincadeira, é um comportamento inaceitável, pois, infelizmente, conseguimos notar que o preconceito linguístico vem disfarçado juntamente com um humor “peculiar”.

Sendo assim, para que houvesse uma fixação melhor de conteúdo, tivemos o intuito de, após apresentar o conteúdo abordado, dividirmos a sala em três partes e dar aos alunos três temáticas diferentes que envolveram as variantes linguísticas como, por exemplo, as variações regionais, sociais e estilísticas. Em seguida, pedimos aos alunos para prepararem uma atividade com as variações que foram designadas a eles, por exemplo, os alunos que ficaram responsáveis pelas variações regionais tinham de preparar algo breve para explicar à turma, podendo ser por meio de teatro, literatura de cordel, paródia, charge, ficando a critério dos alunos a definição, desde que tivesse uma correlação com o tema que foi escolhido por eles. Dois grupos escolheram apresentar um teatro de forma humorística, encenando além do que foi

proposto a eles, mas também retratando como ocorre o preconceito linguístico. O outro grupo preferiu apresentar uma charge a respeito das variações estilísticas.

Logo, pode-se concluir que os alunos de maneira geral conseguem ter uma compreensão sobre o que é a variação e que, sem a participação dos falantes de uma língua, ela não estaria viva e nem estaria rica em variações, por isso é de suma relevância que as variações sejam ensinadas desde os anos iniciais, como recomenda a própria BNCC.

3.1.1 A Utilização dos Gêneros Textuais para Ensinar as Variantes Linguísticas

Não se pode negar que, ao ensinar sobre as variações, tem-se a necessidade de explicá-las juntamente com os gêneros textuais, não que isso seja uma obrigatoriedade, mas, de certa forma, torna-se o conteúdo mais atraente e faz com que o aluno consiga relacionar, futuramente, o conteúdo explicado com os gêneros como uma forma de fixação, pois, desde muito cedo, os gêneros textuais são ensinados aos alunos, e utilizá-los como exemplos em alguma explicação de conteúdo torna ainda mais simples aquilo que poderia ser taxado como complexo. Logo, o intuito, neste momento, é apresentar, por meio de um livro didático, como os gêneros textuais estão fortemente presentes quando se ensina sobre as variações linguísticas. Para isso, será utilizado o livro **Aprender e praticar Gramática**, de Mauro Ferreira, do ano de 2015. Observe a seguir alguns exemplos.

Exemplo 06: Explicando Variações Linguísticas com os Gêneros Textuais



Fonte: Livro Didático.¹⁰

¹⁰ FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2015

Nota-se que, logo ao início da Unidade 2, tem-se a presença de uma charge humorística a respeito do modo de falar de um deputado.

Exemplo 07: Explicando Variações Linguística com Gêneros Textuais

TEXTOS

TEXTOS 1
Nem te conto, querida! Eu tava dando uma volta lá no *shopping*, né?, e passei na frente daquela loja que eu a-do-ro e vi uma blusinha assim... Linda! Toda bordadinha à mão... Azulzinha... Linda pro verão, sabe? Do jeito que eu gosto né? Ah... Era caríssima, mas não aguentei... Entrei e comprei... Fiz um gascidilo! Mas tudo bem, né? Eu mereço! Não é mesmo?

TEXTOS 2
Nascido para turbinar
Keepod - Um pen drive com poder de converter computadores velhos em sistemas completos
O Keepod se parece com um *pen drive* qualquer, daqueles usados para guardar documentos ou fotos. Mas ele é bem mais do que só isso. Projeto do italiano Francesco Imbesi e do israelense Nissan Bahar, ele é essencialmente um sistema completo que pode transformar qualquer computador obsoleto num aparelho funcional, desde que possua uma entrada USB. "Os PCs já têm mais de 30 anos de história e já passaram por muitas inovações tecnológicas, mas o número de pessoas sem acesso a um computador ainda é duas vezes maior do que a quantidade de pessoas que tem um PC. Agora, com o Keepod, temos um jeito de fazer com que todos tenham esse acesso", escreveu Bahar no *blog* do projeto (<http://www.keepod.org>). [...]
Felipe Marra Mendonça, *Corta Capital*. São Paulo: Conflança, n. 80, maio 2014, p. 54.

TEXTOS 3
Grammatica descriptiva é a que expõe os factos da lingua actual.
Grammatica descriptiva é *pratica* quando tem principalmente em vista ensinar a falar e a escrever correctamente; é *scientifico* quando procura esclarecer varios *factos* á luz da *sciencia* da linguagem e da *grammatica historica*.
M. Saíd Ali. *Grammatica secundaria da lingua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.], p. 5.

TEXTOS 4
- Mas você tem medo dele... [de um feiticeiro chamado Mangalô]
- Há-de-o!... Agora, abusar e arrastar mala não faço. Não faço porque não paga a pena... De primeiro, quando eu era moço, isso sim!... Já fui gente! gente. Para ganhar aposta, já fui, de noite fora d' hora, em cemitério... [...]. Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito, gosta de se comparar. Hoje, não, estou procurando é sossego... [...]
Guimarães Rosa. *São Marcos. Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 92.

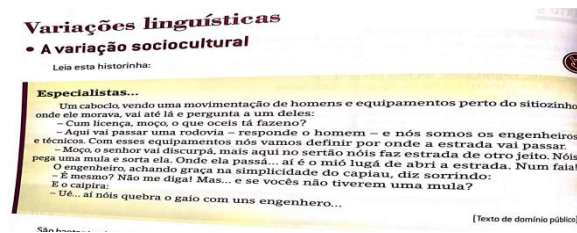
48

Fonte: Livro Didático.

Pode-se notar que, no exemplo 07, há uma grande quantidade de gêneros textuais e que todos estão relacionados com as variantes, a fim de que o aluno sinta uma facilidade maior em reconhecer como as variantes estão presentes em nossa sociedade da maneira mais comum que poderia haver, por exemplo, por meio de uma conversa informal como mostra o exemplo acima.

Agora, será apresentada, especificamente, a maneira como os gêneros estão sendo exemplificados para explicar sobre as variantes. O autor apresentou quatro tipos de variações que normalmente são pouco encontradas nos livros didáticos, sendo elas: variação sociocultural, situacional, histórica e geográfica. Observe os exemplos a seguir:

Exemplo 08: Os Gêneros Textuais Presentes na Variação Sociocultural



Fonte: Livro Didático.

A variação sociocultural refere-se também a níveis socioeconômicos. De um lado da história, temos um personagem que possui um menor poder aquisitivo e, do outro lado, temos um engenheiro que representa uma parcela da sociedade que teve mais contato com os meios de comunicação e com as variantes de prestígio.

Exemplo 09: Os Gêneros Textuais Presentes na Variação Situacional

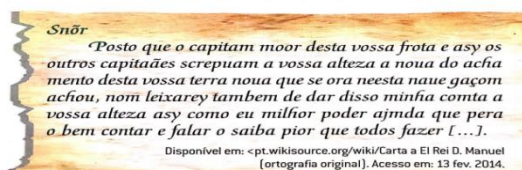


Fonte: Livro didático.

Exemplo 10: Os Gêneros Textuais Presentes na Variação Histórica

A variação histórica

O trecho abaixo é o início de um importante documento da história do Brasil. Leia-o:



Fonte: Livro didático.

Exemplo 11: Os Gêneros Textuais Presentes na Variação Geográfica

• A variação geográfica

Considere as falas dos personagens destas duas ilustrações:



Antonio Cedraz. Xaxado.



Luis Fernando Verissimo; Edgar Vasquez
O analista de Bagé em quadrinhos

Fonte: Livro didático.

Assim sendo, vale ressaltar que houve apenas uma parcela de exemplos expostos, mas, por meio dos poucos apresentados, consegue-se perceber que são lúdicos e atraentes para os alunos, fazendo com que haja uma compreensão maior do que está sendo explicado. No livro didático, todos os gêneros textuais vieram sequenciados de uma explicação detalhada sobre qual relação cada um mantém com as variações linguísticas. Logo, não podemos ignorar que os gêneros textuais são funcionais e devem ser ensinados juntamente com as variantes para tornar mais acessível à compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e reflexões realizadas até aqui, foi possível notar que as variantes linguísticas devem ser valorizadas, respeitadas e ensinadas da forma mais coerente possível, isto é, ensinando que elas não são um erro ou uma inadequação. Além disso, outro aspecto relevante que foi pontuado neste trabalho é o papel do professor no que se refere às variações linguísticas, pois, como já levantado, os docentes, em especial os de Língua Portuguesa, devem atentar-se a explicar as variações da maneira mais coerente possível, preservando-se para não serem intolerantes linguísticos.

Outro aspecto que merece destaque é a respeito dos gêneros textuais e da língua. Nota-se que, no corpo deste trabalho, houve um entrelaçamento deles com as variantes linguísticas, pois são conteúdos que podem e devem ser relacionados com as variações. Como apresentado, ao ensinar sobre as variantes, boa parte dos livros didáticos optam por trazer gêneros textuais relacionados com o assunto como exemplos para que os alunos consigam ter uma percepção e compreensão melhor sobre o conteúdo, pois sabemos que os gêneros textuais estão inseridos em nosso cotidiano. Afinal, não há nada melhor que explicar um conteúdo, trazendo-o para a realidade do indivíduo da forma mais lúdica possível. Ainda nesse mesmo viés, é de extrema importância que, ao ensinar sobre as variações, o docente deva antes conceituar e relembrar aos alunos a funcionalidade da língua, pois o que mantém a nossa língua viva são as diversidades que ela possui, e enfatizar isso é de grande valia.

Tendo em vista as discussões levantadas, consideramos que não basta apenas ensinar sobre as variantes, tem-se a necessidade de ir além do que os livros didáticos propõem aos professores. É necessário também que os docentes de língua portuguesa não se esqueçam da verdadeira razão de ensiná-la, pois, se há uma “competição” sobre qual forma falar é a correta, automaticamente a verdadeira essência de se ensinar Língua Portuguesa se perde, pois o verdadeiro objetivo do ensino da Língua Portuguesa se constitui em ajudar o aluno a desenvolver a

capacidade de compreensão e a produção dos mais variados textos que sejam úteis para ele se comunicar em diversas situações sociais.

Além disso, vale ressaltar, também, a experiência de trabalhar as variantes com os estudantes da educação básica, pois, a partir da experiência vivenciada por esta pesquisadora, foi possível notar que os alunos compreenderam, de maneira rápida, o que estava sendo falado. No entanto, uma preocupação que os professores de Língua Portuguesa devem ter é a respeito dos preconceitos linguísticos, pois alunos entre 13 e 16 anos costumam praticar preconceitos linguísticos, principalmente quando se trata da variação regional.

Tal ponto de vista se baseia na nossa experiência com os estudantes da educação básica, pois durante a aula um aluno demonstrou que seu colega praticava preconceito linguístico com ele por vir de uma região, onde o modo de se comunicar era diferente do habitual da região do Goiás. Sendo assim, é de grande valia que os docentes estejam preparados para esse tipo de situação, pois, infelizmente, são recorrentes no ambiente escolar, mas não devemos dar essa responsabilidade da erradicação do preconceito linguístico apenas para a escola e os professores, os responsáveis pelos alunos e a sociedade em geral devem compreender sobre o que se trata o assunto e contribuir de forma positiva para que ele seja aniquilado.

Outro aspecto a ser pontuado refere-se aos livros didáticos que foram analisados, pois nota-se que aqueles que foram apresentados no capítulo 3 possuem semelhanças entre si, mas percebemos que a respeito dos preconceitos linguísticos pouco foi pontuado, algo que não deveria ocorrer. Ademais, ao longo do trabalho pudemos concluir que a quantidade de artigos, monografias e teses a respeito do tema *O Ensino das Variações Linguísticas por Meio dos Gêneros Textuais no Contexto Escolar* ainda são escassas, porém nada que pudesse comprometer a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. **Pau-Brasil**. 5. Ed. São Paulo: Globo, 1991. p. 80.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclo do ensino fundamental; língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica: **PCN+ médio, orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**, Brasília, DF: SEMTEC, 2002.

CARDOSO, M. S.; SEMECHECHEM, J. A variação linguística na Base Nacional Comum Curricular: por uma pedagogia da variação linguística nos componentes de língua portuguesa do ensino fundamental e médio. **Leitura**, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10753>. Acesso em: 13 out. 2023.

CAMACHO, R. G. **Norma culta e variedades linguísticas**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Gramática: Texto, Reflexão e Uso**. São Paulo: Atual, 2012.

CEREJA, W.; DIAS VIANNA, C.; DAMIEN, C. **Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso**. São Paulo: Saraiva, 2016.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2010.

DIAS MENEZES, B. L.; BATISTA-SANTOS, D. O.; DA SILVA, G. A. **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E BNCC: UM OLHAR PARA O ENSINO MÉDIO**. Revista Porto das Letras, Tocantins, Vol. 06, Nº 3, p. 316-334, setembro, 2020.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, J. H. C.; COSTA VAL, M. G. **Variação Linguística e Ensino**. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

SOUZA FILHO S.; MOURA L. PROPOSTAS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E DE LIVROS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS. Original Article. J Business Techn. 2020; ISSN 2526-4281 16(2): 70-91.

TRAVAGLIA, L. C. **GRAMÁTICA E INTERAÇÃO**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2006.